

LABARUM

ORGAM DA ASSOCIAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA DO 1º ANNO

REDACTOR-CHEFE -- Eduardo P. da Silva Prado.

REDACTORES -- Valentim Magalhães, bacharel Bulhões Carvalho, Carneiro Leão, Leite Moraes Junior.



ANNO I

S. PAULO, 23 DE MAIO DE 1877

NUMERO 1

LABARUM

S. Paulo, 23 de Maio de 1877.

Ao apresentarmos-nos á luz da publicidade cumpre-nos dizer as razões que nos levaram á apparecer em campo como organ do 1º anno, e fim que temos em vista e a norma de conducta que seguiremos.

A importancia que damos ao movimento academico e o desejo que temos de, exercendo um direito, n'elle tomarmos parte foram os motivos que nos levaram á nós os estudantes do 1º anno, á crearmos o organ que hoje se apresenta.

Offerecer occasião á cada um de nós, de expender e sustentar suas idéas com plenissima liberdade na sua manifestação, foi o fim que tivemos em vista.

O organ de uma corporação onde existe natural diversidade de crenças e opiniões á todas ellas franqueia as suas columnas.

Nas discussões originadas da manifestações de idéas de cada um, permaneceremos sempre no terreno elevado dos principios não descendo a questões de pessoas.

E' esta a posição que os nossos collegas querem que assumam o seu organ.

Respondendo á confiança em nós depositada nos esforcaremos por manter esta posição, que é a unica verdadeiramente digna.

Saudamos cordialmente os organs da imprensa, e com especialidade todos os periodicos academicos.

FOLHETIM

Pregar hypothese

Incumbirão-me de encher esta parte do jornal a que chamão : roda-pé.

Fui para casa cheio de gaudío pensando na incumbencia, e fiz todos os preparativos necessarios a quem vae escrever... prodigios.

Só depois que estava de penna em punho a investir contra o candido papel é que lembrei-me que estava parodiando o muito alto e celebrado D. Quixote. As funções de Sancho-Pança eram desempenhadas pela minha consciencia que ria-se a mais não poder.

E' habito e mania inveterada de todo o cidadão que faz *roda-pés*, o diser que está sempre sem uma idéa... sem um assumpto e *malgré tout* vae enchendo as *tiras* com suas lamurias.

Eu, não senhor! Fallando sério estava mesmo á *quó* em toda e qualquer materia folhetinal.

E... cousa horrivel... tive uns calafrios... semelhantes aos que soffre o mortal que pela vez primeira lança o *verbo ás massas*. Em seguida aos calafrios meus olhos virão uma cousa *affreuse*. As sympathicas (po-

Conhecemos as difficuldades contra as quaes nos abalançamos, as luctas que teremos de sustentar.

Para estas temos como armas a lealdade e a convicção.

A justiça será o estandarte a cuja sombra luctaremos, o nosso *Labarum*.

Sejão quaes fôrem os fructos que colhermos do nosso apparecimento na imprensa, ficaremos satisfeitos si tivermos a consciencia de ter dado provas nas crenças — de firmeza e convicção, na lucta, de lealdade e honradez.

Não buscamos vantagens, e os males que contra nós accarretarmos não nos intimidão....

Jaeta est alea!

Os partidos politicos na Academia

I

Na Academia, no seio dessa mocidade gigante é onde mais se tem desenvolvido o espirito faccionario; é onde se encontra maior numero de crenças.

Quanto partido! quanta divergencia de crenças e quanta contradicção!

Vejamos: — Partido conservador-ultramontano, partido conservador não ultramontano, partido liberal-ultramontano (?), partido liberal puro (reformistas ou revolucionarios), partido liberal radical ou radical liberal, partido liberal moderado, partido philosophico, partido eclectico, partido republicano puro, moderado ou mixto, e finalmente o partido ligueiro ou o de todas as bandeiras. Eis

rem naquella occasião, medonhas) figuras de Guimarães Junior, Ferreira de Menezes e Lucio de Mendonça passarão placidas, *brumosas*, e allivas atirando-me gargalhadas do mofa, e olhares de endoudecer.

Ah! disse eu, então, que bonita figura estou fazendo!

Depois de um assomo de intensa choleira... fui envolvido repentinamente por um longo e espesso véo de *spleen*.

Não fiz mais um movimento *intellectual*, fiquei mudo e apatetado.

Quando me julgava mais abandonado das *visões-cacetes* é que dei com o macaco pintado no tapete da sala... a rir-se... e a fazer-me caretas.

Era de mais! Atirei duas imprecações ao vento e dispunha-me a chorar quando um caso extraordinario se passou.

O ramillete de violetas, que, fresco e perfumoso banhava os pés de chinesa no fundo de um vaso de porcellana fez-me quatro mesuras e fallou-me assim:

« Misero *escriptor* tenho pena de ti.

Pois será crível que não tenhas uma idéa? Que esse craneo seja uma inutilidade? Que no meio deste *fervec opus* (folhetim-Carvalho) figures de N N?

Emfim, tudo é possível.

Eu, porém que tenho um bom coração

os partidos que se abrigam actualmente á sombra do velho templo da sciencia.

Como temos de proceder o estudo e apreciação de cada um de per si, seguiremos a ordem estabelecida para mais facilitar a comprehensão.

Temos o primeiro: partido conservador ultramontano. Reune em si, esposando os seus principios, um grupo de moços habéis, coherentes, e conciliadores. São logicos, monarchistas com o Papa. Pugnam pela monarchia e, como logicos que são, pugnam pelo altar, dando aos seus argumentos formas que seduzem, porém, que não convencem, porque vêm mesclados de muita pretensão.

Todavia, é o unico partido que, como pela analyse veremos, pôde sustentar-se na altura que o collocam seus principios.

Prega abertamente o *Syllabus* e quer levantar a inquisição. E' natural, a monarchia necessita sem duvida do braço clerical para boa execução de suas aspirações.

Não concebemos tambem monarchia que não amolde a sua constituição ao *Syllabus*. Ha algumas que não aceitam o de Roma, mas tem a vontade do imperante que substitue vantajosamente aquelle; neste caso estão a da velha Albion, com a firmeza em seu *systema theocratico* que embora futuramente tenha de ser substituído, pois assim vemos dos ultimos estadistas inglezos, comquanto reconhecem em seus compatriotas o caracter conservador de tradições, lá mesmo o rei, rainha ou regente é o principe da igreja.

A Russia, onde o czar vê jubiloso e ufano só executar-se o que quer, o que sonhou na vespera, ou o que em um momento de *spleen phantasiou*, lá tambem rege a igreja a vontade do rei.

A Allemanha, onde o imperador (ouvido o *chancellor*) manda que o clero faça o que elle entende a bem da garantia e ordem publica, sem que nessa materia possa intrometer-se o parlamento.

vou *deitar* conselhos para que saias desses apuros, desse *circulo* de ferro.

Como sabes, o folhetim deve ser uma cousa leve, aromatica, subtil... á *bacharel Franca*, emfim.

Não tens tomado um calice de *chartreuse curaçado*, ou *Saint-Emilion* depois de um succuento jantar? Pois o folhetim é um calice de licôr.

O *Cidadão* que não tem odio á letra redonda, pega do jornal, devôra o artigo de fundo a rapidas colheradas, (nem sempre ha sópa desta especie,) mastiga a chronica, movimento da imprensa e as noticias do exterior.

Depois como *sobre-mesa* dissolve algumas *doces* molinas e etc... finalmente dá, com o folhetim, põe-se em attitude categorica, leva o calice aos labios e começa a sorver o nectar. Acontece ás vezes que em logar do delicioso liquido encontra *dormideiras* no *crystal* e como é de prever... adormece.

E' disso que deves fugir, meu desolado amigo, e procura conceituar a tua fabrica de *licores*, porque do contrario a freguesia fugirá toda, e terás de fechar o *armazem*.

« Mas, respondi-lhe então, como heide fabricar bons licôres não tendo materias? como heide escrever folhetims *tragaveis* não tendo assumpto?»

« Vou dar-te o que tanto pedes retru-

A Turquia, onde se vai saber do sultão, de vespera, sobre que assumpto versará a *predica* do dia seguinte, podendo aquelle, se lhe apraz, ordenar que se pregue a guerra ou a paz, como actualmente, que se está pregando nas mesquitas e praças publicas a santidade da guerra, meio unico de ter soldados. Lá, o sultão ceia com o chefe da igreja e dá a este a lista dos que tem de serem executados no dia seguinte por infracções religiosas.

Como estas, muitas outras nações me-nos importantes organisadas sob a influencia da monarchia que não deixam de reconhecer a necessidade do altar junto ao throno, pois são entidades que se completam. Deixamos de mão a Hespanha, cujo governo, todos sabem, é o clero.

Desde a época a mais remota até o Alfonso XII quem governa a Hespanha é o Papa, embora os governos todos os dias lá se organisem.

Assim pois, são logicos e coherentes com seus principios os nossos moços que por aqui, quando pugnam pela estabilidade do *systema monarchico* em nosso paiz, pregam o *Syllabus* e pedem a inquisição.

Salvem-se por isso.

Deixam a nós outros que não pensamos da mesma maneira, o dever de respeitar as suas crenças tanto quanto elles respeitam as nossas.

Agora, si taes principios, si taes esforços podem ou não produzir os desejados fructos é justamente o que a seu turno estudaremos. Por enquanto cumpre limitarmos-nos a esta exposição rapida e quiçá incompleta do que temos tido occasião de ver.

Em segundo lugar, temos pela ordem da classificação, o partido conservador não-ultramontano.

Este é o de um outro grupo de moços, enjos espiritos acham-se estasiados ante a bella utopia de conseguirem um partido que esforce-se, com o auxilio dos ciemen-

cou-me então o lindo bouquet. « Falla de mim, descreve a delicada cor de minhas petalas, o talhe esbelto de meu corpo, o inebriante aroma que exhala meu seio, as custosas perolas de orvalho que me servem de toncado. Podes, acaso, achar assumpto mais fertil e formoso? Certo que não.

Dei-te uma idéa... agora, adeos. »

Depois que assim fallou, sacudiu-se todo, erpargiando olores, cantarolou umas melodias de Bellini e summiu-se no conca-vo da porcellana.

Sim senhor! Tudo isto é muito bonito... mas está fora da moda.

Nos tempos de hoje em que os *brasilices* soffrem guerra de exteriorinho, eu descrever violetas! Ora! outro officio.

Nos tempos de hoje em que o jovem Alfonso (não é o rei de Hespanha) atira fora a *lyra lyrica* e pega da *socialista*; em que o sr. Severino está *prestes* a zangar-se, por causa dos *milagres* de S. Felisberto; em que o sr. Carvalho escreve artigos *evolutorios*; em que a grossa garça do Zô-Academico inunda S. Paulo, em que o Propheta Isaias diz que Victor Hugo é poeta e não *escriptor*... eu fallar de aromas, petalas e não sei mais o que?... Nessa não caio eu. » Assim eu disia desfasando o véo do *spleen*... mas sem comtudo ter uma

o sys-
abstracção
ao qual está

...sendidos que o primeiro, en-
com a possibilidade da monarchia sus-
tentar-se sem o veto papal a seus actos.
Pugnam pela continuação do governo mo-
narchico e profligam a influencia clerical.

Terão muito que combater! Querer
cortar a cabeça de um corpo e exigir delle
a vida!... Não digam muito alto que
combalem por ideal realisavel... alguém
podará rir-se dessa ingenuidade. Nós,
como philosophos, dir-lhes-hemos que não
pretendam isso, cela, *c'est impossible*, dir-
lhes-ha tambem, o velho Renan. Não ha
monarchia que não veja em um só acto de
sua vida politica, uma inspiração da di-
vidade, deste ou daquelle céu.

Conseqüentemente alistem-se no pri-
meiro ou tomem um lugar no terceiro,
preparando-se de antemão a virem des-
cendo commosco, quando os convidar-
mos.

Com a publicação destes artigos temos
em vista somente dar uma idéa do grão
de adiantamento em que vai a mocidade
na nossa Academia. Criticaremos quando
assim entendermos de mister, com a mes-
ma franqueza e lealdade com que aceita-
remos a critica á nossa critica.

Não envolveremos aqui phrases que
possam propositalmente ir offender indi-
vidualidades, nem tão pouco aceitaremos
censura alguma que por isso possa nos
ser dirigida.

Estaremos sempre promptos a explicar
os nossos pensamentos, mas nunca a acce-
tar discussão pessoal. Assim, pois, se as
circunstancias impellirem-nos a um outro
terreno que não o de nosso proposito, lá
mesmo daremos a nossa explicação e reti-
rar-nos-hemos da discussão.

(Continúa.)

SCIENCIA

Primeira pagina de um curso de Historia

Oh! não mais illudir meu cerebro de moço!
Crença és uma pobre.

(MARTO.—Versos.)

Ouçõ um longinquo rumorejar da pos-
teridade!

E' que se vai terminar a guerra ingente,
que domina o nosso seculo!

idéa fixa. Ora! tambem isso é defeito de
tanta gente!

Foi então que lembrei-me do *darwinico*
clown do tapete e que virando-me para
elle: « *Illustre avoengo*, disse eu, tu que
és o symbolo da pilléria, diz-me algumas
que prestem.

Olha! dita-me o folhetim.

Está dito! O meu interpellado fez um
gesto de assentimento, deu quatro guin-
chos e outros tantos saltos e começou:

« Ao começar este folhetim, meu cra-
neo é um Vesúvio, um Chiaboraso, um
Etna em ebullição. » Que ironia! Que
Zé-Academice!

« Este folhetim não será escripto com
tinta mas sim com lava, » continuou o
meu Espírito-Santo... de orelha « será
bom que não vá queimar alguém. A Aca-
demia está bulhosa e zumbidora como
aquella caveira de leão encontrada pelo
Samsão, e em que um farrancho de abe-
lhas fez colmeia.

Os jornaes, as associações e as descom-
pusturas pollulam.

A *Republica*, a *Reacção*, o *Liberal* e o
Onze de Agosto já apparecerão na liça.

Faser considerações sobre elles? Des-
necessario.

Diser que a *Republica* é um primor?
que *Zé-Juvenal-Academico* tem-nos trazido

E' a revolução que cessa para dar lugar
à sciencia!

E' a metaphysica que passa; é o positivi-
simo que chega.

Quanto à theologia, essa, como a chama-
ma que se vae extinguir, como o mori-
bundo na vespera do dia fatal, depois de
produzir Chateaubriand e DeMaistre, pre-
cipitou-se no abysmo que lhe estava pre-
destinado, e... adorou a Razão, procurou
demonstrar *verdades reveladas*; e abando-
nou o—*magister dixit* dos pythagoricos
para manifestar a impossibilidade de ser
a regeneradora da humanidade.

A metaphysica, coitada! lá se estorce
n'um leito de morte esbravejando contra a
sciencia, que alegre por suas descobertas
e victorias, caminha impavida destruindo
crenças, altares e thronos para erguer ou-
tro dogma—a verdade demonstrada; outro
culto—a mulher.

Não abandona Deus, como dizem; não,
ella cre n'um principio, causa primeira de
todas as cousas; não sabe e nem procura
saber (por ser tentativa infructifera) quaes
os attributos desse principio desde que elle
nada tem influido sobre a sociedade.

E' isenta desses estudos sem proveito
que a historia deve ser conhecida.

Assim, pois, indagaremos qual a ori-
gem do mundo sem nos importarem a Bi-
blia e os Vedas; estudaremos o appareci-
mento do homem sobre a terra, examina-
remos a transição do selvagem para o ho-
mem civilisado; e, á luz da philosophia,
determinaremos as leis da evolução das
sociedades, para chegarmos a uma conclu-
são logica e infallivel:

— Abaixo o throno, abaixo o altar!

I

O estudo da historia feito por este me-
thodo tem uma verdadeira utilidade; satis-
faz ao verdadeiro fim da sciencia—a pre-
visão.

A sciencia da historia só foi fundada
por Augusto Comte, o primeiro sabio que
bem comprehendeu o methodo scientifico.

Considerando as sociedades quer no es-
paço, quer no tempo, descobrimos uma
lei invariavel desde o começo da humani-
dade—é a lei da evolução.

Consiste esta lei em que nenhum povo
passa d'um estado de civilisação para ou-
tro mais adiantado sem passar por estados
intermedios.

Dissemos que a lei da evolução é veridica
no espaço; com effeito, podemos divi-
dir os povos que cobrem a superficie da
terra em 7 ordens: A primeira compre-
hende as nações civilisadas da Europa e
as d'ahi sahidas para estabelecer-se na
America.

A segunda ordem é a das nações musul-
manas.

em perfeito mar de riso? Que Lucio, Af-
fonso, Carvalho, Magalhães, Pitta, Prestes,
Paula Santos e Salvador Penteadó, re-
dactores do dito jornal são verdadeiros lu-
zeiros? E' cousa velhissima.

Está com a cheflia da redacção do *Cons-
titucional* o Sr. João Amendoas, que des-
confiado dos multiplos adversarios trocou
os vidros pretos dos oculos, por outros
mais claros.

Os Srs. da *Republica* atiraram uma pi-
lheria *pernilonga*, uma aranha, sobre o
Redactor-Chefe do *Liberal*; porem, *Pery-
tuera Ceci*.

A *Reacção* veio verdadeiramente orto-
dora.

Pegou do *Syllabus* (não é aquelle mi-
croscopico) que o sr. Fernando traz no
bolso) com uma das mãos, com a outra
a espada flamejante do Deus Marte e bra-
dou aos que batião em retirada: *Allo lá,
Camaradas!*

Inaugurou-se a *circunferencia* catholica.

Muito discurso, muito *caroço* e muita...
fallemos verdade... e muita *beocice* tambem
Leão Borroul, Philadelpho, Bento Carnei-
ro e outros muitos talentos são os bri-
lhantes *raios* desse circulo, que vem illu-
minar a vasta *circunferencia*.

A todos os distinctos e corajosos moços
muitos apertos de mão.

Na terceira classe estão os paizes poly-
theistas: o dos indios, chinezes e japo-
nezes.

A quarta ordem pertencem imperios,
cuja destruição recente não impede de fa-
zel-os aqui figurarem: os mexicanos e os
peruvianos.

O quinto grão comprehende os negros
da Africa.

Os indigenas da America formão a sexta
classe; e a setima ordem é a dos miseros
selvagens da Nova-Hollanda.

Considerando no tempo: a idade media
provem de Roma influenciada pelo chris-
tianismo; Roma recebeu a sua civilisação
da Grecia, que por sua vez foi discipula
dos Phenicios e Assyrios; e estes herdá-
ram do Egypto as suas instituições.

E' um longo encadeamento que se divi-
de em tres grupos: o moderno, o greco-
romano e o oriental.

Considerando assim a historia, a sua de-
finição é inexacta como a dão geralmente.

A historia não é a narração dos aconte-
cimentos que se passão entré os povos; a
historia é o estudo das condições que fa-
zem os estados sociaes succederem-se uns
aos outros n'uma ordem determinada.

Este movimento interior de desinvolvi-
mento é o que se chama—estado dynami-
co, e tem por base o estado statico, já per-
cebido por Aristoteles e até hoje conserva-
do com o nome de politica.

O estado dinamico das sociedades foi
antevisto pelo genio de Pascal quando
disse que *toute la suite des hommes pen-
dant le cours des siècles doit être considérée
comme un même homme qui subsiste tou-
jours et qui apprend continuellement*.

E' necessario ter uma medida, que nos
sirva de thermometro, que, qual fio de
Ariadne, nos guie no labyrintho do pas-
sado.

Na civilisação moderna essa especie de
thermometro é fornecida pelo progresso
das sciencias positivas; mas como ha civi-
lisações em que estas não passão de sim-
ples rudimentos, ali o thermometro pro-
curado é o desenvolvimento das artes.

Ha pois duas grandes civilisações; uma
filha do empirismo industrial; outra filha
da theoria abstracta.

A primeira é limitada; chegada a um
certo ponto não vai adiante sem a sciencia
positiva; a segunda parece ter diante de si
um campo illimitado; em quanto houver
um passo a dar, ha um progresso a rea-
lisar.

A evolução e o progresso são phenome-
nos naturaes sujeitos a catastrophes. Nisto
o corpo social é semelhante ao corpo do
individuo que não se desenvolve sem sofri-
mentos e sem trabalho.

Cumpre-nos agora explicar uma propo-
sição que avançamos.

O *Onze de Agosto*... O *Onze de Agosto*...

veio bem escripto trouxe *roda-pé*, poesias..
ah! trouve, uma principalmente, a do
Sr. Picheran... que eu ia quasi apostar
que era do Casimiro de Abreu, essa estrel-
la cadente do Céu do nosso Brazil. Mas as
vezes ha uma tal idoneidade de pensamen-
tos! Ou quem sabe se não foi o Casimi-
ro que plagiou Picheran?

Tout est possible.

Temos alem do Atheneo Juridico e Lit-
terario, que appareceu bonito e rosado
como as *manhans* nos campos, o Congres-
so do 2.º Anno, a Associação do 1.º e os
Clubs Liberal, Conservador, Catholico,
Republicano *et alteri*...

Disem que na ultima eleição para pre-
sidente do Club Conservador houve *algu-
ma animação*, e que o *revolver* tambem
entrou em scena. Intrigas! Petas po-
liticas!

Alem de que... » O meu ponto queria
continuar, eu, porém, cortei-lhe o fio da
discurseira com um brado e dous pontá-
pés.

Basta! principe... Não vês que me tens
feito escrever uma enfiada de asneiras? E
se eu publicasse esse *cahos*, quem assumi-
ria a responsabilidade authographica?

« Eu » respondeu-me elle. Tu? Pobre

A lei da evolução foi descoberta tão tar-
de por causa da subordinação em que está
a sciencia da historia em relação ás outras
sciencias.

Esse factio da subordinação será explica-
do por Littré:

*Puisque l'histoire a pour théâtre les so-
ciétés et que les sociétés sont composées d'é-
tres humains, il est bien clair que le phéno-
mène historique est en sus de tous les phé-
nomènes qui appartiennent à la vie indi-
viduelle. De la sorte il apparait que la
science historique, contenant un phéno-
mène de plus, est supérieure à la science de
la vie et plus compliquée. En consequence
elle ne peut se constituer que lorsque la
science de la vie aura elle-même posé ses
propres fondaments; or il n'ya guère que
quatre-vingts ans que les vrais fonde-
ments de celle-ci sont posés. Mais est-ce que
l'étude des êtres vivants peut être abordée
de plainpied et sans quelque science infé-
rieure et moins compliquée qui lui serve
en quelque sorte de base et de support?
non certes. Tout ce qui chez les êtres vi-
vants entretient la vie, je veux dire la
grande fonction de la nutrition relève im-
médiatement de la chimie, et vous savez
comme moi que la constitution de la chi-
mie est l'œuvre du XVIII siècle, etc...
(La science au point de vue philosophique).*

(Continúa.)

A. M.

LITTERATURA

Palavras á um amigo

O homem lançado no degredo da mise-
ria é uma triste folha sacudida pelo vento
do sertão, é um lyrio apodrecido na ma-
drugada do nascer, uma lyra quebrada
aos vendavaes do oceano, uma estrella per-
dida no cahos da eternidade!

Mas qu'importa a materia sacudida pelo
vento do despreso, as faces esmagadas pela
mão da populaça! Não treme, não ba-
queia, não trepida e atira ao longe o mar-
to pesado de opprobrio, a nuvem negrejante
de ignominia!

Lança com olhares de condor raios d'in-
telligencia ao infinito.

Esmagado aqui, resurge lá; e á luz pe-
renne dos focos ardentes do intellecta dis-
sipa como o vento do sertão as barreiras
dos colossos vegetaes; ella, a podridão in-
fecta da sociedade, esta massa cancerosa
da baixaza.

Qu'importa o homem, a materia, esta
involucro estúpido do orgulho, esta mas-
cara risonha da caveira?

cidadão!... Tens firma no cartorio? Tens
cartas no Correio? Lês o Apostolo? Teus
dinheiro?

Nada disso tens. Ergo: não és gente
não obstante seres cidadão.

O meu ex-espírito-santo de orelha ainda
queria retrucar.. mais dous gritos, e... el-
le identificou-se de novo com o tapete. Eu
rasguei o folhetim dictado pelo tal o que
quer diser que fiquei como d'antes. Sem
uma idéa... sem um assumpto.

Bravo! sr. *folhetinista*. Que contas vae
dar o senhor da sua tarefa? gritou-me a
consciencia.

Já lhe respondo, importuna. Peguei do
chapéo enterrei-o na cabeça erna de
idéas, sahi pela porta da rua, tomei a cal-
çada (*estyllo-bacharel*) e fui diser aos Re-
dactores do *Labarum* que o dito sahia
sem folhetim. E elles que confiando em
mim, esperavam-me ancioso, quando sou-
beram do occorrido ficarão tão *corridos*
do decepção que eu abri a valvula do riso
e borrfiei-os de gargalhadas *ardentes*.

Voltei depois pensando com meus...
botões:

Isto é que se chama Pregár hypothese!

Qu'importa ao homem o prazer no mundo, esta fúria já quebrada pelas ondas, se a intelligencia vê mais que tudo, se descortina além, no incognito, outro mundo, outras idealidades sublimes?

Orgulho, sempre orgulho! esta ponuagem que vòu com o sopro da realidade, esta luz que se desvanecce com o sol da virtude....

Mas tu, melancholico amigo, tu cuja harpa dolente sòu maviosa em tuas mãos e convida os anjos a brincar contigo, tu, em cuja frente a inspiração jamais cessou, cuja voz de illustração se ouve ao longe; porque cansado desfalleces, porque fraquezas no meio do caminho?

Pobre flor amortecida no meio das estufas, triste lampada apagada no meio da caverna.

Cysne solitario entòas o hymno da morte na manhã da primavera!

Não vês? O céu é lindo, as nuvens douradas resurgem bellas; mantos de ouro no palacio do Eterno!

A viração sacòde de leve o leque das palmeiras e traz o êcho do canto da Natureza!....

Tua caminhada tem sido longa, vem descansar nas alcátifas esverdeadas das grutas.

Mas o vento desastrado do passado leva as tuas esperanças para além.

Eu bem o sinto, eu, triste nota já perdida no espaço, vagueio solitario n'amplicão e vejo o céu emborrascado no horizonte, sem lua, sem estrellas, sem pharol.

Queres saber quem eu sou? Perguntai ao vento do deserto que passa desabrido entre as areias, perguntai às ondas solitarias d'oceano, ao meu peito arquejante de desgostos....

Eu sou o filho nascido nas trevas da tristeza, o pobre goivo ignorado nas profundezas das cavernas.

Sou qual a avesinha que esvoaça sem forças com o peito quebrado de amargos dôres, se debatendo nos precipicios medonhos da vida.

Ora uma angustia horrivel, ora um arrojo de meu cerebro que me faz devanear, conceber o sublime, o ideal supremo da decadencia do homem na materia e da supremacia no intellectu.

Quanto mais caio, mais subo, quanto mais são as dôres que me dilaceram, quanto mais pungidas as amarguras, tanto mais se me abre o peito à crença, tanto mais se debatem as idéas no meu cerebro.

A dôr punge mas illustra.

O homem sem dôr seria o homem sem concepção.

Decerto não creio que um desses arrojões da intelligencia, uma destas locubrações merencorias, seja a simples vontade da nossa alma.

Não, não é a felicidade nem o regozijo que nos joga a enlutada penna dos arrojões do nosso cerebro. Não é o riso que nos atrai com o sigillo da meditação.

O homem que não soffre quer buscar a luz mas se obumbra nas trevas, quer subir mas é preso pelas delicias do mundo.

Quanto mais fôr calcado o homem pela dôr, mais sobranceiro se mostrará.

Eu sou triste como o pungir da gaiivota no alto mar a se debater com as ondas impetuosas.

Vòu, geme e vê à seus pés o mar, acima o céu, se morrer morre lutando com a propria natureza.

Eu olho e vejo o mundo inteiro contra mim.

Oh! sou bem arrogante para lutar com todos, e não querer dar a mão a quem pretende me salvar. Oh sim, supplicas sò à Deus—o mais é o riso fingido do interesse.

Quero me bater com o mundo, este gigante medonho cujo symbolo é a fôrça e a calumnia cujo progresso é o interesse e a miseria.

Sim, eu me bato com o peito descoberto, com a bandeira da liberdade, com a espada da fé e com a flamma da verdade. Se fôr batido na peleja não ficarei vencido, e as hostes inimigas se curvarão ao meu olhar de fogo, se envergonharão de lutar com um incognito e simples soldado da fé!

e estes homens chapeados com o ouro da miseria hão de se estorcer com o remorso, o sinete medonho da villania.

Não recuarei um passo, hei de afrontar sempre o perigo com a frente descoberta e a verdade nos labios.

As negras machinações e as calumnias horripilantes não me farão recuar, antes

pelo contrario marcharei com mais arrojo e trilharei com passo firme até chegar ao ponto desejado.

Sou desprezível como um insecto, mas sou arrogante como um leão.

O mundo me despreza—mas eu o calco, e lanço as minhas vistas mais acima, sacudindo a poeira da miseria.

Vamos, a caravana parte, eu ouço soar o grito da caminhada.

Calcando espinhos, rolando sobre pedras eu não desanimo. Sempre tenho a coragem no meu peito e mais fôrça nas minhas convicções.

Não me aballa o rugir do tigre na floresta, nem o serpear da vibora no mata-gal—e aquelle que se deixar vender pelo ouro infame destes reprobos da sociedade será renegado e marcado com o ferrete da ignominia.

MONTEIRO FREIRE.

A Trança

A trança que brinca louca
Sobre os teus hombros de neve,
Na walsa de hontem à noite
Tocou-me o rosto de leve.

Foi como o rastra de fogo
Da noite no seio tredo,
Ou como o raio que abate
Os alcantis do rochedo.

Foi como o rapido estouro
Do vendaval a romper,
Ou como o grito da vaga
Que na pedra foi bater.

Foi como choque de goso
Que meo ser atordoou,
Tua madeixa odorosa
Quando meu rosto beijou.

E meos olhos se fitaram
Sobre a serpe bulhçosa,
Que de subito quedou-se
No teu seio, vergonhosa.

Oh! desenrola essa trança!
E a livre cascata, então
Virá lavar os negros
Do meu pobre coração.

E minha alma, que é tristeza,
E que a crença busca em vão,
Ficará purificada
Na torrente do Jordão.

VALENTIM MAGALHÃES.

S. Paulo—Maio—1877.

Ideal romantico

Aquella que de amor meu peito opprime
Tem a alvura da prata florentina,
E é tão fragil, artistica franzina,
Que podia vergar-se como um vime.

Oh, não riam-se! Um lyrico sublime,
Ao contemplar-lhe a face purpurina,
Sente no cerebro a explosão da mina,
N'alma as latentes convulsões do Crime.

Nas correcções asstetizadas, puras
Deste todo composto de canduras
Resumi para mim as leis estheticas.

E' um anjo ideal, uma chimêra,
Nos braços de quem en adormecêra
Por uma d'essas noites splenicetas.

FONTOURA XAVIER.

Phantasia

POR

L. C. N. F.

Era por uma d'essas tardes em que o azul do firmamento reflectia-se anilado no vasto espelho do oceano, em que o sol descambando para o occidente despedia-se da terra por frouxos e dourados raios arremessados ao cimo dos montes, em que a

brisa rumorejava de manso pela follagem de copadas arvores que brotavam de um viçoso vergel esmaltado de mil flores cujos delicados perfumes lembravam às aves alegres os hymnos a entoar à retirada do astro rei que depois de ter com seus callidos raios vivificado a terra desviava-se do manto escuro da noite que embalde procura envolvel-o. Um nobre e venerando ancião dirigia seus passos vagarosos para uma humilde choça que guardando-lhe das intemperies do tempo os lascerados membros, abafava os soluços e gemidos reveladores das angustias que ravalavam aquelle magoado coração.

Assim como a flor de terra planta que brota à margem de um regato não havendo quem a colha despega-se da fragil haste que a sustem e corre fluctuando ao capricho das aguas; assim os ais e os lamentos do infeliz não havendo coração que os recebesse voavam à mercê dos ventos.

O sol pouco a pouco havia declinado até que tombára além dos Andes succedendo-lhe as invasoras trevas da noite. Com elle se retiraram a alegria, a belleza e a vida.

O ancião de joelhos em sua choupana com os descarnados braços e a fronte pallida voltados em fervente supplica aos céos tinha à sua direita uma lampada que bruxoleava, defendida apenas por alguns ramos de palmeira do vento que irroso açoiava aquejas paragens, accarretando em sua rapida carreira negras nuvens que encapotavam o céu, havia pouco bello e refulgente em que irradiavam com nitido fulgor resplandecentes estrellas, radiante comitiva da lua pallida que atravessava vaidosa o manto azul do firmamento.

O que fazia aquelle homem tão idoso, em taes situações, sem perceber a mudança do tempo, orando sempre?

Aquelles olhos encovados e aquelle tez macilenta bem que traduzem soffrimentos aos quaes só poderia causar a perda do mais idolatrado ente na terra, da mais santa prenda do amor,—de uma filha!

E assim era.
Aquella que durante tanto tempo constituiria as delicias de um pai extremoso, que com carinhos tão meigos e gratos que Deus só inspira a filhas, dava vida a quem lhe dera a vida, havia como que desaparecido da superficie da terra.

Embalde o pai com o ardor que o avarento busca o thesouro, com a diligencia que emprega o sabio para descobrir uma verdade que soberba pretende esquivar-se a seu conhecimento, percorrera valles e montanhas, planicies e collinas, rios e lagos. Parecia-lhe impossivel que ella vivesse ainda.

Cada pesquisa ou nova investigação que tentasse tornava-se o sello de um desgano.

E na ampulheta inexgotavel do tempo os dias succediam, os mezes passavam e os annos volviam rapidos ao nada.

Ao velho era já quasi impossivel chorar. Quando a ausencia das lagrimas se approximava, o desespero não está longe.

E essa quadra ia chegar.

Que canto mavioso é esse que de tão longe trouxeram as auras, vozes sublimes de harmonia divina que indecisa roçara os ouvidos do ancião ao erguer-se do leito? Que indecifrável prazer pôde descozer as rugas dessa face ha tanto tempo contrahida pela desdita?

(Continúa)

INEDITORIAL

Doas palavras aos catholicos

I

Grandes miserias ao lado de chicanas pequeninas; escandalos mauditos ao lado de comedias despreziveis: eis o que apresenta a tristissima epocha que atravessamos.

Não fallamos das transacções. Nem tão pouco das capitulações de consciencia.

E' cousa commum como agoa. E' cousa vencida. E' velha como a impiedade, como a heresia, como o indifferntismo bestial que accomette a humanidade.

Aos homens de bem cumpre estar de guarda contra semelhante estado de cousas.

Aos catholicos cumpre reagir contra a invasão sempre crescente das hordas revolucionarias.

Porque os catholicos como que são os unicos que constituem a phalange dos homens de bem, pois fóra da Igreja não ha salvação. E a Igreja é Verdade suprema, é a Prohibidade, é a Justiça.

Não nos deixemos romper pelos ataques dos nossos inimigos. Apresentemo-nos-lhes as pontas das nossas bayonetas. Passou o tempo das tergiversações, e a situação actual exige de nós a maior franqueza unida a summa coragem.

Deixariamos solapar o edificio ingente da fé? Deixariamos os pygneus esmaltarem-se contra as obras dos gigantes?

Aos que nos aconsellham de nos edificar em posição de martyres, retorquimos: — Basta de hypocrisia!

Colloquemos as questões em seu verdadeiro terreno. Nós não somos anjos, nem santos, nem pastores à almas: somos moços, somos entusiastas, abraçamos a causa do Catholicismo com o mesmo ardor dos que cahiram em Castellidardo e em Mentana. Não raciocinamos nossos impulsos da alma, e não pedimos graça aos nossos inimigos.

Sõu a hora do combate: estão em presença os batalhões, dous exercitos, da Igreja e da Revolução.

Unamo-nos em redor do estandarte do Sagrado Coração de Jesus e Immaculada Conceição de Maria.

Unamo-nos em redor do estandarte do Papa, e brademos: — Alerta! aos quatro cantos do mundo.

Sentinellas, garde à vous!

II

Pelo desencadeamento das paixões ruins e por muitos outros signaes que não escapam ao bom senso do povo, todos comprehendem que estamos em vespuras de um grande cataclysmo social; todos percebem que os nossos partidos politicos já deram o que tinham de dar, estão estragados; todos almejam enfim uma completa transformação que restaure entre nós tudo que temos perdido, desde a liberdade individual até o respeito à Religião de Christo.

Nunca a tal ponto chegou a desmoralisação publica. Nunca patenteamos taes provas de nossa fraqueza moral e de nossa pouquidade intellectual.

Vamos rolando num abysmo sem fundo; vamos nos quebrando contra os rochedos da Revolução; vamos empunhando cada vez mais tibamente a bandeira dos principios. Sòmente grassa a corrupção; sòmente reina a hypocrisia.

Na verdade, dir-se-ha que os tempos estão proximos, e que daqui ha pouco echorá no Valle de Josaphat a trombeta do Juizo Final.

Que o partido conservador está perdido no conceito do paiz, é cousa evidente por si mesma. Que o partido liberal está completamente desmoralizado, é uma verdade inconcussa. Que o partido republicano, sobre ser summamente vaidoso, é immensamente impotente, não é menos certo.

O que fica, pois?

E' tempo, caia uma vez por todas a rotina. E' tempo, enterrem suas bandieiras esfarrapadas e muenkadas, os velhos partidos chamados constitucionaes. E' tempo, desapareçam da arena do combate, e, guerreiros usados, encadados, hãbeis, cedam lugar a soldados mais novos, mais vigorosos, mais cheios de enthusiasmo pela causa santa da Religião e da Patria.

Abaladas as consciencias; titubantes os principios; oscillantes as bandieiras e confundidos os arruaes,—O Brazil espera um salvador.

Este salvador, quem hade ser?

Qual o governo que ao paiz deold reintegrará suas forças? Sòmente um governo que se basear no Evangelho, isto é, na palavra de Deus.

Partidos podres, fora! Bandieiras polutas, abaixo! Governo rotineiro e anti-patriotico, ao longe!

— Deixem, deixem subir o partido catholico!

S. Paulo—1877.

Um Simplorio.

A revolução de 1842

A rebelião da qual foi theatro a nossa provincia de S. Paulo em 1842, é um facto curiosissimo da historia patria. Notavel foi essa rebelião não por sua importancia porque os revoltosos só ao avistar as bayonetas da legalidade abandonaram a sua empreza, mas porque traduzio perfeitamente o estado do espirito publico do então.

Como sabe-se foi a revolução atuada na provincia de S. Paulo pelos chefes do partido liberal.

Não conheciam estes homens os seus compatriotas?

Não sabiam que a sua tentativa abortaria porque o paulista prefero entregar-se á seus negocios á servir de instrumento á ambições pessoais e á defender uma idéa que não comprehendia?

Tarde reconheceram os cabeças da rebelião a sua temeridade! E infelizmente nem ao menos souberam soffrer dignamente as consequências da sedição que promoveram, abandonaram seus correligionarios e buscaram n'uma fuga vergonhosa a sua segurança.

Assim esta rebelião só serviu para a desmoralisação de alguns cidadãos que nem ao menos souberam sustentar a sua posição e que antes gozavam de prestigio entre o povo.

A revolução de 1842 nasceu de ambições pessoas que quizeram pela violencia satisfazer-se e morreu vergonhosamente. Prova isto que em 1842 como hoje não havia em nenhum dos partidos patriotismo e que a corrupção e descrença presentes datam de lá muito.

Raphael Tobias de Aguiar e Castro foi o chefe da rebelião. Nenhum liberal em S. Paulo tinha tanto prestigio e popularidade como elle, nenhum pela sua energia e firmeza de character, pelas suas riquezas estava mais no caso de pôr-se a testa do movimento. Infelizmente deixou-se Tobias illudir por outros e só reconheceu isto na occasião do perigo abandonou a causa que abraçara tão entusiasticamente e sem combater — fugio.

Gabriel José Rodrigues dos Santos, essa gloria da tribuna brasileira oppoz-se á revolução mas uniu-se á seus correligionarios quando os viu comprometidos. Entretanto Gabriel quando approximaram-se de Sorocaba as tropas do governo por uma fraqueza inexplicavel em tal homem — fugio.

O coronel Galvão, ituano, commandante das tropas rebeldes, quando soube que o barão de Caxias achava-se na capital, esse militar que dizia que faria guerra sem sangue cumpriu a sua promessa e — fugio.

Só não fugiu um padre que esperou tranquillo pelas consequências dos actos de seus amigos, o padre Feijó. Com elle moravam na mesma casa os chefes da rebelião e abandonaram-no enfermo sem ao menos participar-lhe que sentiam-se sem coragem para supportar a responsabilidade de seus actos e que portanto — fugiam.

Conta-se que quando o barão de Caxias entrou na sala em que achava-se Feijó, este vestido de robe de chambre ao avistar o general Caxias que durante a sua regencia tinha sido seu ajudante de ordens e que acompanhado de seu estalão-maior vinha de grande uniforme e cheio de condecorações, disse-lhe com toda a simplicidade: « Adeus, Sr. Luiz Alves ». Feijó passava por ter muito espirito e contava-se muitas respostas suas que provam isto.

A revolução de 1842 — extinguiu-se só com a presença das tropas do governo e este praticaria um acto de tyranía si não amnistiasse seus promotores. Depois de uns fingidos desterros para o Espírito-Santo dos senhores Feijó e Vergueiro e de algumas prisões foram todos perdoados.

Todos os chefes da revolução excepto Feijó foram como *feis subtilis* cantar a palinodia nas escadas de São Christovam e beijar pressurosos a mão d'aquelle que dignava-se perdoar a sua audacia e que depois, mais tarde, deu-lhes commendas como o dono lança colleira á seus feis rafeiros...

Feijó não chegou a vêr tanto opprobrio; logo morreu nesta cidade em sua pobre casa da rua da Freira.

Os verdadeiros paulistas córam com a lembrança de 1842.

QUESTÕES SOCIAES

Actual situação politica do paiz

I

As tendencias das sociedades modernas, dizem os publicistas de hoje, são incontestada, incontestavel e eminentemente commerciaes.

Nas republicas antigas da Grecia e Roma as actividades dos cidadãos sem distincção de camadas sociaes, não buscavão n'um querião mister, que não fosse a participação immediata e collectiva no governo do paiz; a satisfação das necessidades individuais e as relações internacionaes erão sacrificadas a um cãidar frenetico e incessante de uma ephemera gloria politica, alcançada á custa de luctas sanguinolentas, das quaes sempre sahia vencido o fraco e o innocente pelo forte e oppressor.

Mas hoje por uma evolução menos moral do que *physiologica*, os povos só procurão na permutação dos seus productos agricolas e industriaes o preço d'aquelle *bem estar*, de que nos falla o Bentham da terra da pratica e do bom senso.

Cada um se deixa governar, dizem os liberaes, contanto que se lhe deixe a liberdade dedicar-se desembaraçada á acquisição e augmento de sua propriedade e á felicidade de sua familia. E' o cidadão quasi desaparecendo diante do individuo, os direitos politicos diante dos individuos. Convencidos estão elles que o Estado só existe para o individuo, e não por si nem para si.

E, si, no que toca ás relações exteriores, ainda de vez em quando alguma lucta se trava entre as nações, é que os povos, segundo deduzimos d'essas opiniões, não têm mais por mira a posse d'aquella gloria dos antigos a que os coevos dão hoje pouca monta, sinão restanrarem ou augmentarem com o dinheiro do vencido o Thesouro do vencedor, ou acrescentarem seu pequeno e esteril territorio com a extensão e uberidade d'outras terras.

II

Estas apreciações poderão ser muito bem cabidas nos paizes europeus; no Brasil, porém, é que não.

Alli, onde as riquezas mineraes e vegetaes escassoão, são ellas estudadas, e por mil formas aproveitadas; aqui, onde ellas superabundão, até, nem lembradas são.

Não temos industria nacional; e a lavoura parece, a julgar-se pela inefficacia de uns carissimos e fingidos esforços colonisadores, que d'aquí a mui pouco tempo não poderá lutar, sem parecer, contra a falta total de braços livres, que a ameaça. O commercio, monopolisado pelos estrangeiros entre os quaes avultão os Portuguezes, acha-se localisado em duas ou tres cidades do litoral do Imperio.

Em nosso paiz não existem ainda essas tendencias puramente commerciaes que os publicistas europeus assignalão, como tão pronunciadas, nos povos modernos. O povo d'aquí é um automato tanto na ordem individual como na ordem politica: não tem iniciativa. O Estado existe de facto *por si e para si*. E essa tendencia governamental tão desenfreada apparece, circumscripção tão somente nas classes mais *illustradas* da nossa sociedade; d'aquelles que negão duas vezes suas crenças apregoadas fervorosamente no vendor dos annos, pelas conveniencias de momento, modificadas no correr de sua vida politica, para sentarem-se nas poltronas ministeriaes e locupletarem-se a custa do erario; d'aquelles portensos representantes do povo, que, em paga de pingues subsidios, são antes advogados dos seus proprios interesses muitas vezes inconfessaveis; d'aquelles que para compensarem a pequenez dos seus honorarios convertem muitas vezes o templo da justiça em balcão de sentenças vendidas a dinheiro contado; e de outras.

E' o estomago imperando no lugar da cabeça; a fome em vez do patriotismo!

S. Paulo, 10 de Maio de 1877.

(Continuaremos.)

B. C.

CHRONICA

Nas duas ultimas semanas mais trez periodicos academicos vieram á luz: a *Reacção*, o *Liberal* e o *Onze de Agosto*. Já á mais tempo appareceram o *Constitucional* e a *Republica*. O *Labarum* é o sexto periodico que se apresenta.

Oxalá possamos todos chegar até Outubro.

☒

O *Constitucional* apresentou-se como nos annos precedentes, bem escripto e redigido de modo á firmar seus fóros de jornal serio.

E' seu redactor o Sr. Mendes Junior, cujos habilitações são bem conhecidas. Tem trazido chronicas bem escriptas e no seu ultimo numero vem um folhetim tão mimoso, perfumado e *gommeux* que parece sêr a introdução de um *Faits-Paris* escripta por um Houssaye ou Villemessant.

O pseudonimo *Lumen* encobre uma das pennas mais apimoradas da Academia; Carlos França, e citar este nome como auctor do folhetim é fazer o seu elogio.

☒

A *Republica* apresentou-se como organ de um club Republicano Academico.

Traz no frontespicio oito nomes dos mais prestigiosos da Academia, como os de seus redactores

Os trez numeros da *Republica* que já foram publicados vieram firmar ainda mais a reputação de que gozam seus redactores, de moços de brilhante talento e reconhecida illustração.

Sentimos porem que as chronicas da *Republica* destõem dos outros artigos. Não reproduzimos os epithetos que lhes lançarão a *Reacção* e o *Liberal* porque então por delicadeza nos veriamos obrigados á dizer que elles não são merecidos, mentindo assim á nossa consciencia.

A propria *Republica* reconhece a inconveniencia de suas chronicas occultando debaixo de impenetravel mysterio o nome de seu auctor.

☒

Sahirão já á luz o 1º e 2º numeros da *Reacção*; organ do *Circulo dos Estudantes Catholicos*. No seu primeiro numero diz o collega que sabe que hade sêr apedrejado.

Cremos que é de sua parte temôr infundado, porquanto nós, sem indagarmos da justiça de suas idéas o saudamos cordiamente respeitando em si a convicção corajosa. A imprensa academica não faz choro com *Zé Academicos*.

☒

O *Liberal* é o titulo de um periodico academico que á pouco sahio á luz.

Os Srs. Espiridão, Sinimbu, Souza e Mello, Peixoto e outros moços de merecimento são seus redactores. Pelos quatro nomes que citamos vê-se que na Academia não são talentos nem caracteres que faltam ao partido liberal.

O *Liberal* é organ de um *Club Liberal* e faz honra á sua redacção.

☒

Os estudantes de preparatorios fizeram apparecêr o seu jornal o *Onze de Agosto* organ do club Litterario do mesmo nome.

Esta associação celebrou sua sessão de installação com discursos flores, musica etc. Entre os discursos sobresahio o do Sr. Magalhães Castro que fallou em linguagem de 89 dizendo *Cidadão presidente, cidadãos estudantes de preparatorios etc.*

Foi temendo que o Sr. Magalhães fosse dizer ao Exm. Bispo: *Cidadão Bispo*, ás senhoras *cidadãs* e outras cousas menos orthodoxas que o *Circulo Catholico* não convidou o *Club Republicano*. E' o que consta.

O *Onze de Agosto* diz no seu artigo de fundo que seguirá o mesmo programma do anno passado.

Como disseram todos os jornaes da terra, traz escriptos em prosa e verso.

Entre os ultimos nota-se uma poesia que infelizmente não vem assignada e cujo auctor revêla êstro poetico e acurada leitura, de Casimiro de Abreu.

E' um facto talvez em favôr da communicação dos espiritos, Casimiro de Abreu inspirou e... sahio impressa no *Onze de Agosto* uma poesia do poeta brasileiro que ha bastantes annos foi escripta.

O facto hade ser narrado n'uma carta escripta pelos espiritas de São Paulo ás sociedades da Europa, hade ser fallado, produzir uma revolução na sciencia etc.

O *Onze de Agosto* é bem escripto e comprimetamos os seus redactores.

☒

No dia 10 tiveram lugar as primeiras corridas deste anno no Hippodromo Paulistano. Foi, notavel a concurrencia de senhoras e cavalheiros sendo ainda maior a de pessoas não comprehendidas em nenhuma destas denominações.

Veio grande numero de amadores do interior e era notavel o spectaculo dos nossos enluados e perfumados *fashionables* apertados nas archibancadas entre os gordos fazendeiros de Campinas...

Obsevou o *Constitucional* que os cavallos erão todos magros e maos. Seria original que se mandassem fazer correr cavallos gordos e si o chronista tivesse marcado o tempo em que correrão todos os cavallos não os acharia maos. Diz mais que houve falta de lealdade ou fraude da parte a dos jocheys.

Esta affirmativa alem de inexacta é offensiva aos juizes das corridas pois estes cavalheiros teriam annullado qualquer corrida em que se tivesse dado fraude.

☒

A *Revista Scientifica* cujo apparecimento foi annuciado o anno passado ainda não veio á luz.

☒

O sr. Van Halle, conhecido publicista belga, tem assistido ás prelecções dos leutes na Academia. S. s. tem se mostrado satisfeito com o ensino e distribuido exemplares de uma sua obra sobre as questões Santa Rita, Capistrano, etc. S. s. fará publicar daqui ha tempos uma obra com este titulo: *Aventuras e memorias de um Album Autographo*.

☒

Infelizmente cessou a discussão entre o sr. Prestes e o *Club Constitucional*.

Os curiosos ficarão logrados; esperavão que da briga sahisse alguma cousa, mas qual, apenas umas descomposturasinhas e mais nada.

C'est ennuyant!

☒

Não ha mais esperanças da realisação do baile do dia 11 de Agosto.

Morreu assim a idéa que o sr. bacharel F., do *Constitucional*, chamou infeliz. Mão olhado não ha duvida.

A *Reacção*, exulta com a não realisação do baile. No primeiro numero virá um artigo com uma pagina de citações de Santos Padres e Concilios para provar que a dansa é contra a religião, porque as vezes na dansa dão-se incidentes... Como heide dizer? menos mysticos.

☒

Qual a razão porque o *Constitucional*, jornal conservador, rende mesuras ao *Diario de Santos*, jornal liberal e não diz nada á *Lei*, jornal conservador, que transcreveu o seu primeiro editorial e passou-lhe um elogio?

Que será?

☒

Realisou-se á 17 deste mez a collação de grão de doutor em direito, aos srs. Antonio Tiburcio Figueira e Antonio Augusto de Bulhões Jardim. Não tecemos elogios á ss. porque seus nomes já são bem conhecidos. O dr. Figueira é um talento de primeira plana, um character illibado e um coração magnanimo.

A Academia de S. Paulo sentirá sempre o vacuo nella deixado por esse distincto moço e ha de orgulhar-se de ter sido nella que primeiro manifestarão-se os lampejos de sua intelligencia.

O dr. Bulhões Jardim é tambem um talento robusto e uma alma nobre. O discurso que pronunciou é uma prova do que afirmamos.

A ambos os illustres doutores os nossos sinceros parabens.

Tric-Trac.

AVISO

A assignatura do *Labarum* até o fim do anno — 4\$000.

Toda a correspondencia deve ser enviada á redacção, rua da Consolação n. 82.

Typ. Commercial—S. Paulo